



Revista de Biologia e Ciências da Terra

ISSN: 1519-5228

revbiocieter@yahoo.com.br

Universidade Estadual da Paraíba

Brasil

Monteles, Ricardo; B. Pinheiro, Claudio Urbano

Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica

Revista de Biologia e Ciências da Terra, vol. 7, núm. 2, segundo semestre, 2007

Universidade Estadual da Paraíba

Paraíba, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=50007205>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica

*Ricardo Monteles\**; *Claudio Urbano B. Pinheiro\*\**

### RESUMO

O conhecimento acumulado pelas sociedades tradicionais, através de séculos de estreita relação com a natureza, desempenha papel fundamental para a manutenção da diversidade biológica, assegurando a utilização racional dos recursos naturais. Assim, o presente artigo visa, através de uma perspectiva etnobotânica descritiva, levantar por meio do conhecimento tradicional, as espécies vegetais utilizadas na terapêutica do Quilombo Sangrador (MA). Para tanto, foram aplicados métodos etnográficos clássicos, como conversas informais, entrevistas semi-estruturadas, observação participante e listagem livre. Foram levantadas 121 espécies, distribuídas em 56 famílias botânicas e 101 gêneros. Lamiaceae foi a família mais representativa, seguida de Rutaceae, Asteraceae, Leguminosae e Euphorbiaceae. O hábito herbáceo foi o mais representado, seguido do hábito arbóreo, arbustivo, das lianas e palmeiras. O maior número de espécies foi indicado para males e estados de saúde associados ao aparelho respiratório e digestivo. Folhas, cascas e látex foram as partes vegetais mais utilizadas no preparo dos medicamentos locais. Considera-se aqui, que a terapêutica local é fruto de um sincretismo de práticas africanas fortemente influenciadas por práticas indígenas, e que o resgate da terapêutica local, através da sistematização dos conhecimentos advindos desse universo, pode fornecer relevantes contribuições para a conservação da diversidade sócio-cultural e biológica em territórios de populações tradicionais.

**Palavras-chave:** Plantas medicinais, populações tradicionais, comunidades quilombolas.

## Medicinal plants in a quilombola community in the State of Maranhão: An ethnobotanical approach

### ABSTRACT

Knowledge accumulated by traditional societies through centuries of close relation with the nature has performed an essential role in biodiversity conservation, providing sustainable use of natural resources. Using a descriptive ethnobotanical approach, this paper aims to survey traditional knowledge of the local plant species used in Quilombo Sangrador therapeutics. Some methods widely used in ethnography studies were applied, such as informal chats, semi-structured interviews, participant observation and free listing. A total of 121 species, distributed in 56 botanical families and 101 genera were surveyed. Lamiaceae was the family represented by the most species, followed by Rutaceae, Asteraceae, Leguminosae and Euphorbiaceae. Herbs were the most represented life form, followed by trees, shrubs, lianas and finally palms. The most frequent use categories were treatment of diseases and health issues associated with the respiratory and digestive systems. Leaves, bark, and latex were the plant organs most frequently used in the preparation of local medicines. Local therapeutics consists of a syncretism of African therapeutic practices influenced by indigenous practices. This plant knowledge originating in the Quilombola therapeutic universe may ultimately provide substantive contributions to both cultural and biodiversity conservation in traditional people territories.

**Keywords:** Medicinal plants, traditional populations, quilombola communities.

## 1 INTRODUÇÃO

As comunidades tradicionais, em função da forte influência do meio natural<sup>1</sup>, apresentam modos de vida e cultura diferenciadas. Seus hábitos estão diretamente submetidos aos ciclos naturais, e a forma como apreendem a realidade e a natureza é baseada não só em experiência e racionalidade, mas em valores, símbolos, crenças e mitos. Segundo Diegues (1996), a relação simbiótica entre homem e natureza – presente tanto nas atividades produtivas quanto nas representações simbólicas do ambiente – permite que tais sociedades acumulem amplo conhecimento sobre os recursos naturais ocorrentes em seus territórios.

As práticas utilizadas para explorar os recursos naturais apresentam fortes laços de interdependência em relação ao nível de desenvolvimento das forças de produção e das formas de organização social (RÊGO, 1999). Desse modo, extrativismo e cultivo de espécies de interesse baseiam-se na intervenção direta do homem na biota dos ecossistemas, práticas estas, determinadas pelo universo cultural das populações tradicionais, com fundamento, sobretudo, na simbiose prática e simbólica que estabelecem com a natureza.

As populações tradicionais têm sido submetidas a crescentes pressões econômicas e culturais impostas pela sociedade urbano-industrial, o que tem legado consequências nefastas para as suas práticas cotidianas. O conhecimento acumulado por estas populações, através de séculos de estreito contato com o meio, possibilita concretamente a obtenção de informações acerca do uso dos recursos naturais, sobretudo nos trópicos (AMOROZO & GÉLY, 1988).

Posey (1986), em ensaio sobre teoria e prática etnobiológica argumentou que nesse campo científico trata-se de estudar o conhecimento e as conceituações desenvolvidas por qualquer sociedade a respeito da biologia. O autor pontuou que a etnobiologia se propõe a estudar o papel da natureza no sistema de crenças e de adaptação do homem a determinados ambientes, relacionando-se, nesse sentido, à ecologia humana, além de dar ênfase às categorias e conceitos cognitivos utilizados pelos povos em estudo. Conforme retratado posteriormente por Diegues (1996), a

etnociência trata de estudos que compreendem o conhecimento de diferentes sociedades sobre os processos naturais, buscando o entendimento da lógica subjacente ao conhecimento humano sobre a natureza, suas taxonomias e classificações.

No Maranhão, estudos etnobotânicos ainda se mostram em plena incipiência e têm enfocado, em sua maioria, conhecimentos associados às etnias indígenas. Dentre os estudos realizados em território maranhense, destacam-se Balée (1986) e Berg (1991) em abordagens gerais, e Pinheiro et al. (1996), Pinheiro (2002; 2004) em estudos localizados em algumas espécies de interesse.

Conforme Munanga (1996), Quilombo deriva do aportuguesamento de *Kilombo*, um vocábulo originário dos povos de língua bantu, cujos territórios concentram-se na porção centro-oeste do continente africano. Sua presença e seu significado no Brasil estão relacionados a alguns ramos desses povos, cujos membros foram trazidos e escravizados no território brasileiro.

Conforme assinalado por Schmitt et al. (2002), os grupos hoje considerados remanescentes de comunidades de quilombo se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, desde movimentos insurrecionais, heranças, doações, recebimento e compra efetiva de terras ou pela simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior dos latifúndios, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após sua derrocada. Em numerosos casos, a conquista da autonomia da produção dos quilombos deu-se no interior das fazendas, diante das vistas dos padrões falidos e impotentes.

No que concerne ao território maranhense, Assunção (1996) sustenta que no período pré-crise e queda do modo de produção escravista, os quilombos já vicejavam próximos às porções mais ocidentais do Estado, entre os rios Turi e Gurupi, e nas matas de Codó e do Mearim. Neste Estado, o contingente populacional negro engendrou uma forma específica de apropriação de recursos, construindo, socialmente, práticas simbióticas com o universo natural, sob a forma de apropriação comum de espaços e recursos naturais.

Este artigo, em termos gerais, tem a

pretensão de levantar – por meio do conhecimento tradicional – os recursos vegetais de uso local relacionados às práticas terapêuticas do Quilombo Sangrador (MA), através do reconhecimento das plantas utilizadas na medicina tradicional local, evidenciando as espécies e seus usos, desde a obtenção – cultivo ou extrativismo – até sua aplicação dentro dos contextos sócio-cultural e ambiental da comunidade.

## **2 MATERIAL E MÉTODOS**

### **2.1 Aspectos fisiográficos da área de estudo**

O Quilombo Sangrador localiza-se no município de Presidente Juscelino, Maranhão. A comunidade é influenciada, em termos hidrográficos, pela bacia do rio Munim, a qual apresenta área aproximada de 13.000 km<sup>2</sup>. Iguará, um dos afluentes daquele rio, é responsável pelo abastecimento de toda a comunidade, e tem suas águas ostensivamente utilizadas pelos quilombolas para fins diversos, incluindo alimentação e higiene corporal.

O clima da região é do tipo Tropical Úmido Seco (Aw), com totais pluviométricos entre 1.600 e 2.000 mm, temperatura média anual superior a 27°C e umidade relativa do ar variando entre 79 e 82% (KÖEPPEN, 1948).

### **2.2 Coleta de dados**

Foram realizadas incursões mensais com permanência variável de três a oito dias na área de estudo durante nove meses.

Para a escolha dos colaboradores, foi utilizado o critério do conhecimento tradicional sobre os recursos naturais locais e seu uso na comunidade. Após conversas informais, a liderança da comunidade foi incumbida de mobilizar as pessoas que mostravam considerável conhecimento referente aos recursos vegetais de uso terapêutico na comunidade. Dez especialistas locais previamente indicados constituíram-se em informantes-chave.

Os demais informantes tiveram participação ativa na realização do trabalho, já que foram igualmente submetidos às entrevistas e contribuíram concretamente durante todo o trabalho de campo.

As informações foram levantadas através de alguns métodos apresentados e discutidos por Albuquerque & Lucena (2004), como conversas informais, entrevistas semi-estruturadas, observação participante e listagem livre. Foram elaboradas planilhas de dados sobre os colaboradores, contendo informações básicas, além de detalhado registro para cada planta indicada como útil. Contudo, para fins de elaboração do presente artigo, apresentaremos informações apenas sobre os recursos vegetais utilizados na terapêutica local, tornando-se necessárias outras publicações para abordar os resultados concernentes aos demais recursos naturais de importância sócio-cultural e ambiental na comunidade.

As informações sobre as plantas medicinais constam de nome comum, nome científico, família botânica, indicação, hábito de crescimento, forma de obtenção, partes usadas, modos de uso e modos de preparo.

Um detalhado levantamento etnobotânico foi, portanto, realizado e o material botânico decorrente, foi coletado com auxílio dos informantes que identificaram vernaculamente as plantas no campo. Para o tratamento taxonômico das espécies, foram coletados indivíduos reprodutivos quando possível, sendo em seguida, prensados e depositados no Herbário do Departamento de Biologia da Universidade Federal do Maranhão. As espécies foram identificadas através de comparações com material depositado e por especialistas na área.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os recursos vegetais com aplicação terapêutica, aqui considerados, incluem aqueles indicados para afecções que têm correspondência na medicina oficial, assim como para doenças e estados de desconforto indicados pela população local, mas que não são reconhecidos pela medicina moderna, tais como “mau-olhado” e “quebrante”.

Foi considerado ainda nas análises, além das doenças do corpo e da alma, o estado de gravidez e condições associadas, como o puerpério.

No Quilombo Sangrador, os primeiros cuidados de saúde são realizados por meio das plantas medicinais, associadas ou não a

produtos de origem animal. Informantes mais velhos afirmam que os cuidados de saúde eram outrora realizados completamente nas próprias casas, com auxílio de medicamentos caseiros à base de plantas, preparados majoritariamente pelas mulheres da comunidade. A maioria dos informantes (66,7%) tem preferência pelos chamados “remédios do mato”, enquanto 25,7% dos entrevistados de ambos os sexos utilizam tanto plantas quanto fármacos industrializados na busca de resultados mais rápidos nos processos de cura, e apenas 7,6% dos informantes afirmam utilizar exclusivamente fármacos industrializados, sob a justificativa de estes possuírem maior eficácia curativa, o que pode trazer menos desconforto aos enfermos. Estes últimos informantes não esboçam quadros de saúde confortáveis, apresentando, dentre outros infortúnios, hipertensão, diabetes e reumatismo, o que justificaria as constantes incursões à medicina oficial. Estas pessoas, embora utilizem os fármacos industrializados com maior frequência para o tratamento dos problemas de saúde, afirmam confiar de forma consistente nas plantas utilizadas nas práticas tradicionais de tratamento, o que reforça o caráter social e simbólico que essas práticas assumem localmente.

### 3.1 Levantamento Etnobotânico

As 121 espécies registradas pertencem a 56 famílias botânicas e a 101 gêneros. Lamiaceae é a família representada por mais espécies (14), seguida de Rutaceae (8), Asteraceae e Leguminosae (6, ambas) e Euphorbiaceae (5). Conquanto as ervas componham as espécies com hábito de crescimento mais bem representado (49 espécies), o número de espécies arbóreas utilizadas é também bastante expressivo (47). Aparecem, na seqüência, os arbustos (15), as lianas (8) e as palmeiras (2), indicando a importância dos diversos estratos da vegetação na terapêutica local.

Os dados referentes aos recursos vegetais utilizados para fins medicinais no Quilombo Sangrador estão sistematizados na tabela 1.

Durante a coleta de informações etnobotânicas foi adotada a etnotaxonomia local, obedecendo-se a pronúncia utilizada pelos

informantes para designar cada espécie vegetal citada.

### 3.2 Interações entre população humana e vegetação local

Dos informantes que cultivam plantas medicinais em canteiros ou nos arredores das casas, 79% pertencem ao sexo feminino e 21% ao sexo masculino, o que sugere que as mulheres dominam o conhecimento e as práticas de cultivo dos recursos vegetais no Quilombo Sangrador.

Dos informantes que se dedicam a coletar espécies medicinais nas unidades vegetacionais da comunidade, 55,2% são do sexo masculino e 44,8% pertencem ao sexo feminino, não havendo, portanto associação aparente no que concerne a gênero e extrativismo de plantas medicinais.

As espécies arbóreas ou os “pau do mato”, localmente reconhecidos, são exploradas pelos habitantes da comunidade para fins diversos, como construção de habitações, cercas, fabricação de lenha, e para o preparo dos “remédios do mato”, legitimando a grande importância desses recursos para a reprodução simbólica na comunidade.

Mais da metade das espécies vegetais na terapêutica local é oriunda do extrativismo. Dentre as unidades vegetacionais identificadas na comunidade, as capoeiras (florestas secundárias) são o ambiente mais usado para o extrativismo desses recursos. As espécies medicinais mais importantes encontradas nesses ambientes foram Janaúba [*Himatanthus suluuuba* (Spruce) Wood.; Apocynaceae]; Carrasco (*Aspidosperma subincanum* Mart.; Apocynaceae); Açoita-cavalo (*Luehea divaricata* Mart.; Tiliaceae); Mapá [*Parahancornia amapa* (Huber) Ducke; Apocynaceae]; Guanandi (*Symphonia globulifera* L.; Clusiaceae); Embaúba (*Cecropia* spp.; Cecropiaceae) e Mamão-jaracatiá [*Jacaratia spinosa* (Aubl.) DC.; Caricaceae], o que torna evidente a diversidade de recursos arbóreos da capoeira e a importância dessa fisionomia para o uso e conservação das espécies arbóreas.

Além do extrativismo, foi identificado um organizado sistema de manejo de espécies vegetais.

**Tabela 1.** Recursos vegetais utilizados na medicina tradicional no Quilombo Sangrador (MA).

Família/Espécie	Nome vernáculo	Indicação	Parte usada	Modo de preparo	Hábito de crescimento	Forma de obtenção
<b>Amaranthaceae</b>						
<i>Alternanthera</i> sp.	Anador	d.s.o	FLH	CHA	ERVA	CUL
<i>Amaranthus</i> sp.	Enxuga	d.a.r	FLH	CHA	ERVA	CUL
<b>Anacardiaceae</b>						
<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	d.s.o	CAS	GAR	ÁRV	CUL
<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	d.a.r	CAS	LAM	ÁRV	CUL
<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemao	Aroeira	d.s.o	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<i>Spondias mombin</i> L.	Cajazinho	d.s.o	FLH	CHA	ÁRV	EXT
<b>Annonaceae</b>						
<i>Annona crassifolia</i> Mart.	Bruto	d.a.c	FLH	SUM	ÁRV	EXT
<b>Apiaceae</b>						
<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro-tapuio	d.a.a	FLH	SUM	ERVA	CUL
<b>Apocynaceae</b>						
<i>Aspidosperma subincanum</i> Mart.	Carrasco	d.a.d	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<i>Himatanthus sucuuba</i> (Spruce) Wood.	Janauba	d.a.d	LAT	NAT	ÁRV	EXT
<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Mangaba	d.a.g	FLH	CHA	ÁRV	EXT
<i>Parahancornia amapa</i> (Huber) Ducke	Mapá	d.a.d	LAT	NAT	ÁRV	EXT
<b>Araceae</b>						
-----	Tajá-de-pena	grav.	FLH	NAT	ERVA	EXT
<b>Areceaceae</b>						
<i>Euterpe oleracea</i> Mart.	Juçara	d.s.teg	RAI	BAN	PALM	EXT
<i>Markleya dahlgreniana</i> Bondar	Pirinã	d.s	RAI	CHA	PALM	EXT
<b>Aristolochiaceae</b>						
<i>Aristolochia trilobata</i> L.	Urubuzinho	d.a	PLT	NAT	LIA	CUL
<b>Asteraceae</b>						
<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Catinga-de-bode	d.s.o	FLH	CHA	ERVA	CUL
<i>Elephantopus mollis</i> Kunth	Língua-de-vaca	d.a.g	RAI	CHA	ERVA	EXT
<i>Pluchea</i> sp.	Pitoco	d.a.d	FLH	CHA	ERVA	EXT
<i>Spilanthes</i> sp.	Jambú	d.a.r	FLO	CHA	ERVA	EXT
<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Mulatinha	d.s.n	PLT	CHA	ERVA	CUL
<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo-de-defunto	d.s.n	PLT	CHA	ERVA	CUL
<b>Bignoniaceae</b>						
<i>Tabebuia</i> sp1.	Pau d'arco branco	d.a.g	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<i>Tabebuia</i> sp2.	Pau d'arco roxo	d.s.o	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<b>Bixaceae</b>						
<i>Bixa orellana</i> L.	Urucum	d.a.r	SEM	CHA	ÁRV	CUL
<b>Bromeliaceae</b>						
<i>Ananas comosus</i> L.	Abacaxi	d.a.d	FRU	NAT	ERVA	CUL
<b>Burseraceae</b>						
<i>Protium heptaphyllum</i> (Aubl.) Marchand	Amesca	d.a.r	CAS	LAM	ÁRV	EXT
<b>Cactaceae</b>						
<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	Mandacaru	d.a.r	PLT	LAM	ERVA	CUL
<b>Capparaceae</b>						
<i>Crataeva tapia</i> L.	Trapiá	d.s.o	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<b>Caricaceae</b>						
<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	d.a.d	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<i>Jacaratia spinosa</i> (Aubl.) A. DC.	Mamão-jaracatiá	d.i.p	LAT	NAT	ÁRV	EXT
<b>Caryocaraceae</b>						
<i>Caryocar brasiliense</i> Camb.	Pequi	d.a.r	FLH	CHA	ÁRV	EXT
<b>Cecropiaceae</b>						
<i>Cecropia</i> sp.	Embaúba	d.s	RAI	CHA	ÁRV	EXT
<b>Chenopodiaceae</b>						
<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	d.i.p	FLH	SUM	ERVA	CUL
<b>Convolvulaceae</b>						
<i>Ipomoea</i> sp.	Salsa	d.s.teg	PLT	SUM	ERVA	EXT
<i>Operculina alata</i> (Ham.) Urb.	Batata-de-purga	d.a.d	RAI	SUM	ARB	EXT
<b>Crassulaceae</b>						

<i>Bryophyllum calycinum</i> Salisb.	Santa Quitéria	d.a.d	FOL	SUM	ERVA	CUL
<b>Continuação...</b>						
Família/Espécie	Nome vernáculo	Indicação	Parte usada	Modo de preparo	Hábito de crescimento	Forma de obtenção
<b>Cucurbitaceae</b>						
<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.	Cabacinha	d.a.g	FRU	CHA	LIA	EXT
<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de São Caetano	d.s.teg	PLT	NAT	LIA	EXT
<b>Cyperaceae</b>						
<i>Cyperus esculentus</i> L.	Alho-brabo	d.a.r	FOL	LAM	ERVA	EXT
<i>Cyperus rotundus</i> L.	Junça	d.a.c	SEM	TIN	ERVA	EXT
<b>Dilleniaceae</b>						
<i>Davilla kunthii</i> A. St. Hil.	Cipó-de-fogo	d.s.o	FOL	CHA	LIA	EXT
<b>Erythroxylaceae</b>						
<i>Erythroxylum vacciniifolium</i> Mart.	Catuaba	d.s.n	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<b>Euphorbiaceae</b>						
<i>Jatropha curcas</i> L.	Pião-branco	d.a.d	SEM	CHA	ARB	CUL
<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pião-roxo	d.a	PLT	NAT	ARB	CUL
<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra-pedra	d.a.g	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Ricinus communis</i> L.	Mamona	d.a.d	SEM	NAT	ARB	EXT
<i>Sapium glandulatum</i> (Vell.) Pax	Visgueiro	d.i.p	LAT	NAT	ÁRV	EXT
<b>Guttiferae</b>						
<i>Symphonia globulifera</i> L.	Guanandi	d.a.g	LAT	NAT	ÁRV	EXT
<b>Iridaceae</b>						
<i>Eleutherine plicata</i> Herb.	Palmeirinha	d.i.p	RAI	CHA	ERVA	CUL
<b>Lamiaceae</b>						
<i>Hyptis</i> sp.	Alfazema-braba	d.s.o	FOL	CHA	ERVA	EXT
<i>Melissa officinalis</i> L.	Erva-cidreira	d.s.n	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Mentha aquatica</i> L.	Vega-morta				ERVA	CUL
<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã-pimenta	d.a.r	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Mentha spicata</i> L.	Vique	d.a.r	FOL	NAT	ERVA	CUL
<i>Mentha suaveolens</i> L.	Hortelãzinho	d.s.n	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Ocimum basilicum</i> L.	Favacão	d.s.o	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Ocimum micranthum</i> L.	Favaquinha	d.a.g	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Ocimum minimum</i> L.	Manjerição	d.a.d	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Origanum majorana</i> L.	Manjerona	d.a.d	FOL	NAT	ERVA	CUL
<i>Plectranthus amboinicus</i> Lour.	Hortelã da folha grossa	d.a.r	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo	d.a.d	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Pogostemon heyneanus</i> Benth.	Oriza	d.s.n	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Pogostemon patchouly</i> Trist et Pallet	Paticholi	d.s.n	PLT	BAN	ERVA	CUL
<b>Lauraceae</b>						
<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	d.a.g	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<b>Leguminosae-Caesalpinoideae</b>						
<i>Bauhinia dubia</i> Link	Pata-de-vaca	d.a.g	FOL	CHA	LIA	EXT
<i>Bauhinia guianensis</i> Aubl.	Escada-de-jabutí	d.s	CAS	GAR	LIA	EXT
<i>Copaifera langsdorffii</i> Desf.	Copaíba	d.s.o	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<i>Hymenaea courbaril</i> Hayne	Jatobá	d.s	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<i>Senna uniflora</i> (P. Miller) Irwin & Barneby	Fedegoso	d.a.c	RAI	CHA	ERVA	EXT
<b>Leguminosae-Papilionoideae</b>						
<i>Arachis</i> sp.	Mundubim	d.s.o	SEM	CHA	ERVA	EXT
<b>Liliaceae</b>						
<i>Allium cepa</i> L.	Cebola	d.a.r	FOL	CHA	ERVA	CUL
<i>Allium sativum</i> L.	Alho	d.a.r	RAI	CHA	ERVA	CUL
<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	d.a.d	FOL	SUM	ERVA	CUL
<b>Loranthaceae</b>						
<i>Phthirusa paniculata</i> (H.B.K.) Macbr.	Ten-tén	d.a.r	PLT	CHA	ARB	EXT
<b>Malvaceae</b>						
<i>Gossypium herbaceum</i> L.	Algodão	d.a.r	FOL	CHA	ARB	CUL
<i>Urena lobata</i> (L.) Moench	Quilão	d.a.c	SEM	CHA	ARB	CUL

<i>Hibiscus sabdariffa</i> L.	Vinagreira	d.a.g	SEM	CHA	ARB	CUL
<b>Continuação...</b>						
Família/Espécie	Nome vernáculo	Indicação	Parte usada	Modo de preparo	Hábito de crescimento	Forma de obtenção
<b>Meliaceae</b>						
<i>Carapa guianensis</i> Aubl.	Andiroba	d.a.d	SEM	NAT	ÁRV	EXT
<b>Monimiaceae</b>						
<i>Peumus boldus</i> Molina	Boldo-de-farmácia	d.a.d	FOL	CHA	ERVA	**
<b>Moraceae</b>						
<i>Artocarpus integrifolia</i> L.	Jaca	d.a.d	SEM	LAM	ÁRV	CUL
<i>Brosimum acutifolium</i> Hub.	Mururé	d.s	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<i>Ficus dendrocida</i> H. B. K.	Atraca	d.s.o	LAT	NAT	ÁRV	EXT
<i>Maclura tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	Tatajuba-de-espinho	d.s.o	LAT	NAT	ÁRV	EXT
<b>Musaceae</b>						
<i>Musa</i> spp.	Banana	d.a.r	FLO*	LAM	ÁRV	CUL
<b>Myrtaceae</b>						
<i>Campomanesia</i> sp.	Guabiraba	grav.	FOL	NAT	ÁRV	EXT
<i>Eucalyptus</i> sp.	Eucalipto	d.a.r	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<i>Myrcia fallax</i> (Rich.) DC.	Murta-de-parida	grav.	FOL	NAT	ÁRV	EXT
<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	d.a.d	FOL	NAT	ÁRV	CUL
<b>Opiliaceae</b>						
<i>Agonandra brasiliensis</i> Miers ex Benth. & Hook. f.	Marfim	d.s.o	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<b>Oxalidaceae</b>						
<i>Avehrrhoa carambola</i> L.	Carambola	d.a.g	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<b>Phytolacaceae</b>						
<i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipi	d.s	FOL	CHA	ÁRV	EXT
<b>Poaceae</b>						
<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim-limão	d.a.r	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<b>Rubiaceae</b>						
<i>Cinchona calisaya</i> Wedd.	Quina	d.i.p	CAS	GAR	ÁRV	EXT
<i>Coffea arabica</i> L.	Café	d.a.r	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<i>Psychotria</i> sp.	Pecaonha	d.i.p	RAI	CHA	ARB	EXT
<b>Rutaceae</b>						
<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja-da-terra	d.s.n	FRU	NAT	ÁRV	CUL
<i>Citrus limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	d.a.r	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<i>Citrus nobilis</i> Lour.	Tanja	d.a.r	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<i>Citrus sinensis</i> L.	Laranja	d.a.r	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<i>Citrus</i> sp.	Lima	d.a.r	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<i>Monniera trifolia</i> Loebl.	Favaca-de-cobra	d.a.d	FOL	SUM	ERVA	CUL
<i>Pilocarpus microphyllus</i> Stapf. ex. Ward.	Jaborandi	d.s.teg	FOL	SUM	ARB	EXT
<i>Ruta graveolens</i> L.	Arrudinha	d.a.g	FOL	CHA	ERVA	CUL
<b>Sapindaceae</b>						
<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Pitomba	d.s.o	FOL	CHA	ÁRV	CUL
<b>Scrophulariaceae</b>						
<i>Scoparia dulcis</i> L.	Vassourinha	d.a	PLT	NAT	ERVA	EXT
<b>Smilacaceae</b>						
<i>Smilax</i> sp.	Espinho-japacanga	d.s	PLT	CHA	ARB	EXT
<b>Solanaceae</b>						
<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta-malagueta	grav.	FOL	NAT	ARB	CUL
<i>Physalis angulata</i> L.	Canapum	d.a.r	RAI	CHA	ARB	EXT
<i>Solanum lycocarpum</i> A. St.-Hil.	Jurubeba	d.a.d	FOL	CHA	ARB	EXT
<b>Sterculiaceae</b>						
<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	grav.	FOL	CHA	ÁRV	EXT
<b>Styracaceae</b>						
<i>Styrax</i> sp.	Esturaque	d.a.g	FOL	SUM	ARB	EXT
<b>Tiliaceae</b>						
<i>Luhea divaricata</i> Mart	Acoita-cavalo	d.a.g	CAS	GAR	ÁRV	EXT



<b>Turneraceae</b> <i>Turnera ulmifolia</i> L.	Chanana	d.a.g	PLT	CHA	ERVA	EXT
<b>Continuação...</b>						
<b>Família/Espécie</b>	<b>Nome vernáculo</b>	<b>Indicação</b>	<b>Parte usada</b>	<b>Modo de preparo</b>	<b>Hábito de crescimento</b>	<b>Forma de obtenção</b>
<b>Verbenaceae</b>						
<i>Stachytarpheta cayennensis</i> L. C. Rich.	Gervão	d.a.g	FOL	CHA	ERVA	EXT
<b>Vitaceae</b>						
<i>Cissus sicyoides</i> L.	Cipó-pucá	d.s	PLT	GAR	LIA	EXT
<b>Zingiberaceae</b>						
<i>Alpinia nutans</i> Roscoe	Jardineira	d.a.r	FLO	CHA	ERVA	CUL
<i>Curcuma longa</i> L.	Gengibre-açafrão	d.s.o	RAI	SUM	ERVA	CUL
<i>Zingiber officinalis</i> Roscoe	Gengibre-ardoso	d.s.o	RAI	SUM	ERVA	CUL
<b>Não identificadas</b>						
-----	Figo	d.a.d	FOL	CHA	ARB	EXT
-----	Pau-de-Luís	d.s.o	CAS	GAR	ÁRV	EXT

**Afeções orgânicas e estados de saúde:** d.a.d=doenças associadas ao aparelho digestivo; d.a.c=doenças associadas ao aparelho circulatório; d.a.g=doenças associadas ao aparelho genitourinário; d.a.r=doenças associadas ao aparelho respiratório; d.s.teg=doenças do sistema tegumentar; d.a.a=doenças do aparelho auditivo; d.al=doenças da alma; d.i.p=doenças infecciosas e parasitárias; d.s.o=doenças do sistema osteomuscular; d.s.n=doenças do sistema nervoso; d.s=doenças associadas ao sangue e órgãos hematopoiéticos; grav.=gravidez.

**Hábito:** ARB=arbusto; ERVA=erva; PALM=palmeira; LIA=liana; ARV=árvore.

**Forma de obtenção:** CUL=cultivo; EXT=extrativismo.

**Partes usadas:** CAS=casca; FLO=flor; FLH=folha; FRU=fruto; LAT=látex; PLT=planta inteira; RAI=raiz; SEM=semente; FLO\*=inflorescência masculina, localmente conhecida como “mangará”.

**Modo de preparo:** BAN=banho; CHA= chá (infuso ou decocto); GAR=garrafada; NAT=in natura; LAM=lambedor; SUM=sumo; TIN=tintura.

Anderson & Posey (1985) definem manejo como “a alteração do meio ambiente para o cultivo/criação de plantas e/ou animais de interesse para o homem, variando conforme a intensidade de manipulação”.

Nessa perspectiva, conforme observado, sugere-se que a formação dos quintais no Quilombo Sangrador obedece a uma dinâmica de consorciamento de espécies perenes e anuais cultivadas, com espécies nativas, havendo uma íntima relação entre fatores sócio-culturais e econômicos na construção dessas espacialidades.

Dentre as plantas medicinais cultivadas, predominam as que compõem o estrato herbáceo, dentre elas, Mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.; Chenopodiaceae); Boldo (*Plectranthus barbatus* Andr.; Lamiaceae); Favacão (*Ocimum basilicum* L.; Lamiaceae); Favaquinha (*Ocimum micranthum* L.; Lamiaceae); Oriza (*Pogostemon heyneanus* Benth.; Lamiaceae) e Vega-morta (*Mentha aquatica* L.; Lamiaceae), muito embora possam ser encontradas diversas espécies arbóreas de uso alimentício e medicinal, como Manga (*Mangifera indica* L.; Anacardiaceae); Caju (*Anacardium occidentale* L.; Anacardiaceae); Laranja da terra (*Citrus aurantium* L.; Rutaceae) e Mamão (*Carica papaya* L.; Caricaceae).

Em alguns casos, existe uma época específica para a coleta. Espécies arbóreas, como Mapá [*Parahancornia amapa* (Huber) Ducke; Apocynaceae] e Janaúba [*Himatanthus sucuuba* (Spruce) Wood.; Apocynaceae], das quais se utiliza o látex para fins medicinais, é procedida sua extração exclusivamente nas primeiras horas do dia. O Guanandi, que também tem seu látex utilizado na terapêutica local, não se deve extrair, segundo o conhecimento local, durante os meses de floração (julho a setembro), caso contrário torna-se “venenoso” e pode “dar agonia”, podendo levar à morte, pessoas que fazem uso neste período específico.

### 3.3 Indicações terapêuticas, partes usadas e modos de uso

O maior número de espécies medicinais foi indicado para doenças e estados de saúde associados ao aparelho respiratório, como “tosse braba”, gripe e resfriado, e ao sistema digestivo como gastrite e ulcerações no estômago, encontrando-se em consonância com resultados obtidos em outras localidades no Brasil (AMOROZO & GÉLY, 1988; AMOROZO, 2002) e no continente africano (BETTI, 2004).

Modo de uso refere-se a uma

combinação de fatores que envolvem a parte vegetal utilizada, a concentração do princípio ativo em determinada parte vegetal e a eficiência do princípio ativo utilizado sob determinada forma para o tratamento dos males que se pretende curar. Nessa perspectiva, foram considerados três principais modos de uso genéricos para as plantas medicinais localmente utilizadas.

O uso oral está associado principalmente ao chá, tanto infuso como decocto, prescrito em 87,3% das citações de uso. Foi constatada uma forte associação entre o uso oral e o tratamento das afecções do sistema digestivo.

O uso tópico compreende o tratamento de doenças através de massagens, fricções e emplastos e está fortemente associado ao tratamento de doenças do sistema tegumentar, como manchas e irritações cutâneas em geral.

A inalação está associada ao tratamento das doenças do aparelho respiratório. Nesse caso, uma espécie assume grande importância no tratamento de gripes e resfriados. Trata-se de uma etnoespécie localmente conhecida como vique (*Mentha spicata* L.; Lamiaceae), espécie herbácea cultivada em canteiros suspensos, cujo vapor aromático oriundo do cozimento de suas folhas apresenta ação descongestionante, expectorante, além de ser utilizada contra inflamação na garganta.

### 3.4 Indicações terapêuticas e modos de preparo

Diferentes partes da mesma espécie podem ser empregadas de diferentes modos, para a mesma ou diferentes afecções. O modo de preparo mais comum foi o chá, utilizado localmente para o tratamento das afecções do sistema digestivo e respiratório, seguido do modo *in natura* e das garrafadas.

O látex ou “leite”, como é localmente conhecido, assume relativa importância no tratamento de doenças no Quilombo Sangrador. Extraído através de golpes no caule de algumas espécies, o látex é normalmente ingerido ao natural. Nos casos de Janaúba [*Himatanthus sucuuba* (Spruce) Wood.; Apocynaceae] e Mapá [*Parahancornia amapa* (Huber) Ducke; Apocynaceae] aquele exsudato é utilizado no tratamento de afecções do sistema digestivo; Guanandi (*Symphonia globulifera* L.;

Clusiaceae) tem o látex utilizado no tratamento das doenças do aparelho genitourinário e Tatajuba-de-espinho [*Maclura tinctoria* (L.) D. Don ex Steud; Moraceae] é amplamente utilizada para tratar doenças do sistema osteomuscular, como reumatismo.

Outro modo de preparo registrado é a garrafada. Trata-se de uma bebida preparada à base de cascas de caule, fervidas ou não, as quais recebem um tratamento peculiar por especialistas locais. O líquido proveniente do cozimento ou da simples mistura com água é acondicionado em garrafas de vidro e – a depender da afecção a ser tratada – é recomendada a ingestão de várias doses diárias até que se cumpra todo o tratamento. As espécies mais freqüentemente utilizadas no preparo das garrafadas são Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão; Anacardiaceae), Caju (*Anacardium occidentale* L.; Anacardiaceae) e Pau D’arco roxo (*Tabebuia* sp.; Bignoniaceae) para doenças do sistema osteomuscular; Jatobá (*Hymenaea* sp.; Leguminosae) e Mururé (*Brosimum acutifolium* Hub.; Moraceae) como depuradores sangüíneos, e finalmente Açoita-cavalo (*Luehea divaricata* Mart.; Tiliaceae) para o tratamento de doenças do aparelho genitourinário.

Há na comunidade, a prática corrente de misturarem-se cascas de duas ou mais espécies no preparo das garrafadas. Em algumas ocasiões foram observados preparos de garrafadas mistas para tratar pessoas que apresentavam quadro contínuo de fadiga ou cansaço muscular causado por intenso trabalho agrícola. Essas garrafadas eram normalmente feitas à base de Aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão; Anacardiaceae) e Pau D’arco roxo (*Tabebuia* sp.; Bignoniaceae) e ainda uma ínfima quantidade de Mururé, em virtude de sua elevada toxicidade.

### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As comunidades tradicionais têm sido historicamente submetidas a intensas transformações sócio-econômicas, as quais envolvem o confronto entre saberes e práticas tradicionais e novos costumes trazidos pelo contato intensificado com a sociedade moderna.

Os modos de uso, de preparo e as espécies vegetais utilizadas nas práticas

terapêuticas locais sugerem formas sincréticas de práticas africanas fortemente influenciadas por práticas terapêuticas indígenas.

Tais práticas teriam sido originadas a partir de sucessivos aportes de conhecimento, combinando crenças e concepções derivadas de um vasto campo de experimentação empírica no transcurso histórico da comunidade. Nessa perspectiva, o mundo vegetal é amplamente utilizado – isoladamente ou associado ao mundo animal – para prover tratamentos para a cura de males situados tanto no plano orgânico como espiritual.

Deve-se ressaltar, ainda, que o sistema terapêutico local assume pleno dinamismo à medida que estabelece relações com elementos materiais e imateriais exógenos. Desse modo, informações sobre novas prescrições vêm sendo trazidas constantemente à comunidade, onde são testadas, adaptadas e coletivamente assimiladas ou refutadas às concepções pré-existentes de tratamento e cura. Esses fatos, *per se*, fazem dos sistemas terapêuticos tradicionais um rico campo de estudos, o qual deve ser preferencialmente explorado a partir de uma perspectiva multidimensional.

A sistematização dos conhecimentos advindos deste universo – ao resgatar os conhecimentos terapêuticos locais – pode fornecer relevantes contribuições para a conservação da diversidade biológica e do rico acervo cultural concernente às práticas extrativistas e ao manejo de recursos naturais, evidenciando suas implicações para a manutenção do patrimônio material e imaterial das populações tradicionais.

Finalmente, é fundamental a busca de uma compreensão para além da materialidade, enfatizando as representações do mundo natural pelas populações tradicionais, na tentativa de compreender como essas representações influenciam na organização social e na transformação de suas relações com a natureza.

## 5. AGRADECIMENTOS

O primeiro autor é grato à comunidade quilombola Sangrador por proporcionar valiosos momentos de convívio, interação e aprendizado durante a realização do trabalho de campo, com atenção especial à Dona Maria do Rosário e ao Seu Conceição pelo acolhimento em sua

humilde, porém aconchegante morada.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino, LUCENA, Reinaldo Farias Paiva. Métodos e técnicas para coleta de dados. In: ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva (org). *Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica*. Recife: Núcleo de Pesquisa em Etnobotânica e Ecologia Aplicada, 2004, 189p.

AMOROZO, Maria Christina de Mello. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. *Acta Bot. Bras.*, v. 16, n. 2, 2002, 189-203.

AMOROZO, Maria Christina de Mello; GÉLY, Anne. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, Pará, Brasil. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, sér. Bot.*, v. 4, n. 1, 1988, 47-131.

ANDERSON, Anthony B.; POSEY, Darrell Addison. Manejo de Cerrado pelos índios Kayapó. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi sér. bot.*, v. 2, n. 1, 1985, 77-98.

ASSUNÇÃO, Matthias Röhrig. Quilombos maranhenses. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org). *Liberdade por um fio: história dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, 512p.

BALÉE, William. Análise preliminar de inventário florestal e a etnobotânica Ka'apor (Maranhão). *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, sér. bot.*, v.2, n. 2, 1986, 141-167.

BALÉE, William. Cultura na vegetação da Amazônia brasileira. In: NEVES, Walter Alves. (org). *Biologia e ecologia humana na Amazônia: avaliação e perspectiva*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi/Coleção Eduardo Galvão, 1989, 135p.

BERG, Maria Elizabeth Van den. Aspectos botânicos do culto afro-brasileiro da casa das minas do Maranhão. *Bol. Mus. Paraense Emílio Goeldi, sér. bot.*, v. 7, n. 2, 1991, 485-497.

BETTI, Jean L. An ethnobotanical study of medicinal plants among the Baka pygmies in the Dja Biosphere Reserve, Cameroon. *African Study Monographs*, v. 25, n. 1, 2004, 1-27.

DIEGUES, Antonio Carlos. *O mito moderno da natureza intocada*. São Paulo: Hucitec, 1996. 169p.

KÖEPPEN, Wladimir P. *Climatologia: con un estudio de los climas de la tierra*. México: Fondo de cultura econômica, 1948. 478p.

MUNANGA, Kabengele. Origem e histórico do quilombo na África. Dossiê Povo Negro – 300 anos. *Revista USP*, v. 28, 1996, 56-63.

PINHEIRO, Claudio Urbano B.; FRAZÃO, José Mário Ferro; BALICK, Michael J. Branching in *Syagrus cocoides* (Arecaceae) in Maranhão, northeastern Brazil. *Brittonia*, v. 28, n. 4, 1996, 556-565.

PINHEIRO, Claudio Urbano B. Extrativismo, cultivo e privatização do Jaborandi (*Pilocarpus microphyllus* Stapf ex Holm; Rutaceae) no Maranhão, Brasil. *Acta Bot. Bras.*, v. 16, n. 2, 2002, 141-150.

PINHEIRO, Claudio Urbano B. A palmeira babaçu (*Orbignya phalerata* Martius) e sua exploração na região dos cocais, Maranhão, nordeste do Brasil. In: ALEXIADES, Miguel N.; SHANLEY, Patricia (org). *Productos Forestales, Medios de Subsistencia y Conservación - Estudios de Caso sobre Sistemas de Manejo de Productos Forestales no Maderables*. Bogor Barat: CIFOR, 2004, 132p.

POSEY, Darrell Addison. Etnobiologia: teoria e prática. In: RIBEIRO, Berta (org.). *Suma Etnológica Brasileira*. vol.1 (etnobiologia) Petrópolis: FINEP/Vozes, 1986.

RÊGO, José Fernandes do. Amazônia: do extrativismo ao neoextrativismo. *Ciência Hoje*, v. 25, n. 147, 1999, 62-65.

SCHMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira. A atualização do conceito de quilombo:

identidade e território nas definições teóricas. *Ambiente e Sociedade*, v. 10, 2002, 129-136.

---

\*Biólogo, Mestrando em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável no Núcleo de Estudos Integrados sobre Agricultura Familiar (NEAF/UFPA). Bolsista do CNPq. e-mail: ricmonteles@ufpa.br

\*\*Professor Adjunto do DEOLI/UFMA. Doutor em Biologia pela City University of New York. e-mail: cpinheiro@elo.com.br

<sup>1</sup>Utilizamos a expressão “meio natural” para fins de contextualização sócio-histórica, já que, ao concordar com Balée (1989), entendemos que, além das florestas primárias, isto é, aquelas estabelecidas sem a contribuição do empreito humano, grande parte das florestas é compreendida por “florestas culturais”, cuja diversidade biológica emerge como reação às práticas tradicionais desenvolvidas nas comunidades autóctones.